



Asociación para el Estudio de Temas Grupales,
Psicosociales e Institucionales

ÁREA 3. CUADERNOS DE TEMAS GRUPALES E INSTITUCIONALES

(ISSN 1886-6530)

www.area3.org.es

Extra Nº5 – Verano 2023

Material presentado en la III Asamblea Internacional de Investigación en torno a la
Concepción Operativa de Grupo, Salvador de Bahía, 8-10 de septiembre de 2022

Quebrando o cerco que nos sufoca¹

Federico Suárez

Quero falar de um projeto antigo com o qual tenho colaborado nos últimos meses, em um campo com o qual estou familiarizado, o dos cuidados com os idosos, como trabalhei nele no início de minha atividade profissional, mas do qual tenho estado mais distante durante anos. Sinto minha pequena participação neste projeto como uma lufada de ar fresco em um contexto social, econômico, político, nacional e internacional que considero verdadeiramente asfixiante.

Asfixiar me parece ser um símbolo dos tempos em que vivemos. Mas para mim, falando hoje aqui de pessoas mais velhas, ele assume um significado particular. Durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19 na Comunidade de Madri, onde vivo, o governo da Região **ordenou** que as Casas para Idosos não transferissem para hospitais as pessoas mais vulneráveis, com um alto grau de dependência ou deterioração cognitiva, que necessitavam de cuidados de saúde. 7291 pessoas idosas morreram abandonadas nos Lares para Idosos em que viviam. Destes, 5795 morreram de Covid, isolados em seus quartos, incapazes de ver suas famílias e

¹ Trabajo presentado en la Mesa de Apertura.

amigos, incapazes de respirar por causa da infecção... sufocando na solidão². Não é só o vírus que mata, mas também, como sabemos, certas políticas e preconceitos (neste caso, dependendo da idade dos sujeitos). Gostaria de lembrá-los disso neste momento.

Na Comunidade Autônoma de Castilla-La Mancha, na Espanha, no terreno de Dom Quixote, um programa de Moradia para Idosos (VVMM) está em funcionamento há 30 anos, que hoje conta com 157 casas distribuídas por toda a Região, oferecendo um total de 1491 lugares para pessoas idosas e empregando 606 trabalhadores.

O VVMM é definido como pequenas unidades habitacionais (8 a 12 usuários) inicialmente destinadas a idosos sem problemas graves de dependência, que visam responder às necessidades de seus usuários - assistência, apoio, empresa, cobrindo necessidades básicas - com um tipo de operação que visa ser o mais semelhante possível à de qualquer residência, e que estão localizadas no mesmo município onde vivem seus usuários.

Trata-se de um **recurso comunitário**, cuja proximidade física e emocional é um dos aspectos mais valorizados pelos idosos. Ele oferece a possibilidade de administrar as dificuldades que começam a surgir na vida cotidiana dentro do contexto sócio-cultural em que vivem, onde compartilharão um lar com pessoas que certamente conhecem (porque foram vizinhos, talvez amigos... espero que não inimigos) e onde serão atendidos por profissionais (pessoal auxiliar, pessoal de cozinha) que também poderão ser do mesmo município ou de municípios próximos.

Os idosos contribuem com 75% do valor da pensão que recebem para a manutenção do VV. 52% dos custos totais são cobertos por este dinheiro. Os 48% restantes são cobertos por vários subsídios e subvenções das diferentes administrações públicas - principalmente municipais e regionais -.

A implementação e o desenvolvimento deste recurso vem ocorrendo em áreas rurais, em municípios pequenos ou muito pequenos. Mas acredito que o modelo de assistência aos Idosos que ele representa também pode ser aplicado em áreas urbanas, embora por enquanto o desafio seja estabelecê-lo e desenvolvê-lo onde ele existe.

No ano passado, a Comunidade Autônoma de Castilla-La Mancha encomendou uma investigação sobre a situação destes VVMM³, na qual pude participar ocasionalmente, como observador de alguns grupos de discussão que foram organizados em um determinado momento da investigação. Foi realizado um estudo diagnóstico que avalia o desenvolvimento da VVMM nos últimos 30 anos, propõe medidas de melhoria e aponta linhas estratégicas para sua implementação. Tudo isso, é dito no relatório final, *a fim de tentar fortalecer a essência*

² <https://marearesidencias.org/verdad-justicia-invitation-adhesion-residencias-manifiesto>

³ Estudio de campo realizado por la Asociación Cicerón. <http://asociacionciceron.org/>

do recurso e estimular mudanças para conseguir um recurso adaptado às necessidades atuais dos idosos.

Gostaria de focalizar minha apresentação no que se chama "**a essência do recurso**", mas creio que é importante ressaltar primeiro que o maior desafio que os VVMMs enfrentam no momento é ampliar a cobertura de atendimento que oferecem, dado o aumento das situações de dependência que, devido a déficits físicos ou mentais, são apresentadas pelos usuários atuais e, sobretudo, futuros. E, além disso, garantir que este maior nível de cuidado não implique a perda de sua "essência".

Os idosos estão envelhecendo. Eles vivem cada vez mais tempo em suas próprias casas, mas as doenças ocorrem... a deterioração progride, e é necessário um lugar onde os cuidados apropriados possam ser oferecidos com o menor impacto possível em suas vidas diárias. A moradia para idosos que possa existir em sua cidade seria um recurso, mas... até que ponto ela pode se encarregar desses cuidados necessários? Em que ponto os "problemas de dependência" começam a se tornar tão grandes, ou tão sérios, que tornariam necessário que a pessoa idosa deixasse essa moradia e se mudasse para um local de moradia assistida? Em resumo, **qual é o limite destes VVMM e, acima de tudo, quem o determina?**

Vamos falar sobre a "essência" do recurso. Para começar, devemos voltar um pouco mais atrás no tempo, não 30 anos, quando o programa VVMM começou, mas 40 anos (1982). Porque foi então que começou o trabalho de criação da primeira Vivienda de Mayores (VM), em Torrijos, uma aldeia da província de Toledo (nesta mesma Comunidade Autônoma de Castilla-La Mancha), que se tornou o modelo ou "ideal" que serve de referência e para o qual as outras 156 casas que foram criadas posteriormente estão supostamente tendendo.

Naquela época, um grupo de idosos do município juntou-se a um grupo de profissionais, e outros voluntários e vizinhos, que estavam dispostos a colaborar com eles a fim de criar um lar no qual os idosos pudessem ser atendidos de acordo com suas necessidades e da maneira que desejassem. Desde o início, este objetivo os colocou fora do circuito estabelecido, já que o Lar para Idosos, como um recurso público, já existia naquela época. Mas o modelo de cuidado que eles ofereciam era do tipo "asilo", de caridade, e ainda respondia a uma ideologia ditatorial (em 1982, o país só vinha emergindo da ditadura há alguns anos). Mas aquele grupo de idosos expressou claramente seu desejo de "**viver de forma independente e livre**", e eles não queriam sua admissão em um centro residencial para impedir que continuassem a manter seu estilo de vida o máximo possível.

Este grupo de idosos e voluntários de vários tipos criou, em 1982, uma Associação sem fins lucrativos que finalmente veio a ser chamada de "Cícero", expressando assim os valores em que se baseia: uma certa **concepção de velhice** e a consideração da **amizade** como elemento fundamental do vínculo entre as pessoas que favorece a **vida em comum**.

O interessante de tudo isso é que a abordagem não se limita a *uma declaração ideológica de "boa vontade", sem implementação prática*⁴. Porque existe um **momento prático** no qual este pensamento se concretiza e se realiza e que marca decisivamente o que esta Associação conseguiu desenvolver: um coletivo, um funcionamento grupal. Tomando a **assembléia** como eixo de ação, e conseguindo permanecer fiel a ela.

A Associação primeiro alugou uma casa no vilarejo para montar a primeira casa que agora é um ponto de referência, contratando todos os serviços que foram considerados necessários. Anos mais tarde, comprou um terreno localizado centralmente no município e construiu uma casa.

Uma vez que a casa estava instalada e funcionando, a assembléia dos moradores tornou-se o local onde todas as decisões sobre a vida cotidiana e o funcionamento do Recurso foram tomadas. Ou seja, eles decidem, por exemplo, sobre os horários das refeições, onde os suprimentos são comprados, e também se é necessário contratar pessoal para implementar um novo turno noturno para oferecer mais segurança a todos e para estender os cuidados que alguns residentes em particular podem estar exigindo. Em outras palavras, todos aqueles que vivem lá são convocados pelos próprios regulamentos da WV para participar de um espaço de reunião onde todos os aspectos de sua vida juntos serão discutidos e decididos.

Com o que acabo de apontar, acredito que já podemos vislumbrar alguns dos elementos que compõem a "essência" destes VVMM e que se opõem ao que caracteriza o modelo residencial institucional, como a **manutenção das raízes** no lugar onde se vive, em oposição ao **desenraizamento** que a institucionalização implica, com as conhecidas conseqüências físicas e psicológicas que dela derivam.

Também é importante destacar o **papel ativo** que o idoso desempenha na gestão das circunstâncias de sua vida e **em relação aos outros**, em oposição ao **papel passivo** que a instituição lhe atribui na relação com aqueles que cuidam de suas circunstâncias, ou seja, os profissionais e as regras que regem sua vida diária.

Na **essência** da VVMM, a partir deste primeiro modelo ou ideal ao qual me refiro, há uma idéia forte e radical do que se entende por **participação**: participar é estar envolvido no poder de decisão. É a participação no espaço de grupo constituído pela assembléia de coabitantes que torna possível o envolvimento na tomada de decisões, e que constitui uma experiência necessária que permite aos idosos verificar sua inserção social.

Isto é interessante porque com este modo de funcionamento, com a centralidade do grupo/montagem de companheiros na VVMM, constitui-se um novo sujeito coletivo que tem algo a dizer sobre o que nos perguntamos antes sobre os limites deste recurso para atender às necessidades de seus usuários e sobre quem os estabelece.

⁴ Armando Bauleo, "Problemas de la Psicología grupal (El grupo Operativo-Productivo)", en *Grupo Operativo y Psicología Social*, A Bauleo (comp.) Ed. Imago, Montevideo 1980.

A assembléia de conviventes teria **uma palavra a dizer** sobre o que fazer com um de seus membros quando a deterioração afeta significativamente suas vidas... ela poderia decidir se o lar precisa ser adaptado, ou que mudanças precisam ser feitas para que a pessoa idosa fique mais confortável ou possa ser melhor cuidada nele, o que obviamente implica em decisões financeiras. Da mesma forma, poderia concordar que a situação atual do residente não é sustentável no lar.

Ou consideremos também que a atitude de alguns residentes em relação a outros pode sustentar uma determinada situação, adiando uma medida de exclusão... tem-se visto, por exemplo, como alguns residentes assumem o controle, organizando-se entre si, para acompanhar um residente com demência em sua vagabundagem errática quando ele fica agitado, para evitar que ele se perca na rua ou tenha um acidente: Desta forma, eles facilitam que ele continue a sair para a rua (ao contrário do que é feito nestes casos em outras instalações de atendimento, onde ele é impedido de sair para a rua, alegando que é "para protegê-lo"...).

Portanto, neste caso específico, o indicador de que esta pessoa idosa deve ser transferida para uma instalação de vida assistida será a **falta de apoio suficiente do contexto social** em que vive, que inclui principalmente os residentes com os quais compartilha o lar, bem como sua própria família, caso tenha uma, e o próprio conselho local ou as associações locais que possam existir se não tiverem serviços de apoio para este tipo de caso.

Se é assim que pensamos, então vale a pena perguntar em todas estas áreas mencionadas - grupo de conviventes, família, câmara municipal, associações de moradores, serviços públicos do município... - se é possível fazer algo para melhorar a **rede comunitária** de assistência aos idosos, entendendo que todos eles, como parte desta comunidade, têm uma responsabilidade nisto.

A VVMM é um desafio ao pensamento institucionalizado sobre a velhice. E são, acima de tudo, porque o que a VVMM propõe é **viver em grupo**, em oposição à vida isolada, passiva e subjugada que é proposta nas Casas para Idosos.

O grande desafio que os VVMMs enfrentam, diante desta transformação necessária para aumentar a atenção às necessidades crescentes de seus usuários, é como fazê-lo **sem cair na institucionalização**, ou seja, sem deixar que "outros" pensem por eles como realizá-la.

Entre situações pessoais graves, que exigem todos os recursos técnicos e humanos disponíveis em um lar residencial, e outras situações de déficit físico e/ou cognitivo que podem ser sustentadas na comunidade, coordenando todos os recursos disponíveis, há um amplo campo a ser explorado por todos os atores envolvidos. A experiência que sabemos destes 30 anos de desenvolvimento da VVMM em Castilla-La Mancha é que **o campo do possível** é muito mais amplo do que pensamos, se for possível que pessoas, associações, todos os agentes envolvidos em um determinado problema, se encontrem para conversar e pensar juntos. Algumas destas experiências de coordenação de recursos e reflexão conjunta sobre possíveis

linhas de ação são muito interessantes para pensar na **dialética entre a utopia e o possível**, que passa necessariamente pela reflexão sobre a VVMM.

Evidentemente, na realidade, ou seja, no contexto histórico e social em que os grupos operam, existem "outros" atores, de grande peso, que delegaram responsabilidades por estas questões de cuidado, e que, além disso, têm um orçamento financeiro alocado a eles: são eles que governam. E ao lado deles estão aqueles que realmente estão no comando, aqueles que vêem o cuidado dos idosos como um negócio para se enriquecer, e estes, aqueles que estão no comando, não estão muito interessados em toda a conversa sobre proximidade do lar, afetividade, o desejo dos próprios idosos, amizade... eles não estão muito interessados.

Os VVMMs constituem um **contra-poder** precisamente porque defendem esses valores, porque são movidos por outros interesses além do dinheiro e porque demonstram que **é possível fazer as coisas de maneira diferente**.

Mas o poder institucional é hegemônico, e sua capacidade de penetração ideológica é enorme, e seus efeitos sobre o assunto em questão se manifestam em várias frentes:

- a relutância dos próprios idosos e de suas famílias em participar, mesmo quando as condições são adequadas,
- a ideologia welfarista de muitos profissionais que trabalham com os idosos,
- a posição rígida e burocrática frequentemente adotada pelos municípios e órgãos públicos próximos à VVMM.

Assim, pode-se entender porque nem todos os VVMMs têm o mesmo nível de desenvolvimento em seu funcionamento de montagem, nem nos serviços que prestam, nem na consciência do que representam. Isto é algo que tem sido muito bem objetivado no estudo de diagnóstico ao qual tenho me referido.

Por esta razão, e com isto termino, uma das linhas estratégicas definidas na pesquisa para *tentar fortalecer a essência do recurso* é a **formação**, para profissionais, mas **também** são apontadas ações voltadas às famílias e entidades públicas que têm alguma responsabilidade sobre o VVMM.

Dois comentários muito breves sobre a formação de profissionais, que já está começando a se desenvolver e na qual tenho o prazer de poder participar.

Poderíamos distinguir dois grupos de profissionais que participam do atendimento direto dos usuários da VVMM: alguns seriam "internos" às casas: o pessoal mais próximo, limpeza, cozinha, etc., e o outro grupo são profissionais "externos", dando apoio a todos eles, atualmente organizados em duas equipes, nas quais participam psicólogos, um médico geriátrico, um terapeuta ocupacional e um graduado em direito.

Penso que o principal objetivo do treinamento do pessoal mais próximo seria o de encorajá-los a refletir sobre o papel que desempenham, a serem capazes de refletir sobre os compromissos emocionais que tal papel implica e aprender a assumir sua tarefa, mantendo a distância ideal em relação aos idosos. Em outras palavras, seria ser capaz de neutralizar, com base em sua compreensão, a tendência a superproteger os idosos, ou substituí-los diretamente, nas decisões que lhes dizem respeito, deixando-se levar pela fragilidade que podem transmitir em um dado momento ou por sentimentos que têm a ver com ideologias que devem ser revistas, de modo a **não anular o outro** em nenhum momento.

E em relação aos profissionais "externos", considero que o maior problema é saber para onde dirigir seu olhar e sua compreensão dos fenômenos de grupo. Entendo que seu principal objetivo seria **cuidar e apoiar o assunto coletivo** do qual falei antes - a reunião de coabitantes - para ajudá-los a **aprender a pensar** sobre os conflitos que são gerados dentro dele. Para isso, é necessário entender como os conflitos entre os usuários, ou mesmo certos problemas que podem surgir como se fossem questões individuais, emergem como surgindo da forma como o grupo funciona.

Finalmente, para concluir, acredito que o trabalho de todos nós que estamos de alguma forma envolvidos com estes idosos deve servir para acompanhá-los no **processo de empoderamento** de suas condições de existência, apoiando o pleno funcionamento das assembléias de conviventes, revelando e ajudando a trabalhar as resistências que os impedem de assumir um papel ativo na transformação de seu contexto existencial para adaptá-lo às suas necessidades e desejos.

Bibliografia

- Merchán Maroto, Esteban. "Las viviendas comunitarias en el mundo rural ¿Cómo evitar traslados a Residencias? Revista Área 3. Cuadernos de temas grupales e institucionales, nº 22, 2018.
- Merchán Maroto, Esteban. Associação Cicerón. Torrijos. "Co-habitação e dependência". Aprender com outras boas práticas. Unidades de co-habitação". Revista Área 3. Cuadernos de temas grupales e institucionales, nº 21, 2017.
- Bauleo, Armando. "Las redes de microsolidaridad". Revista Área 3. Cuadernos de temas grupales e institucionales. Biblioteca de Jornais.

- Bauleo, Armando. "Efeitos da institucionalização sobre o indivíduo". Revista Española de Geriátría y Gerontología, Vol 27, Suplemento 1, 1992.
- Bauleo, Armando- "¿Qué es la salud comunitaria?", in Notas de psicología y psiquiatría social, Atuel, Buenos Aires 1988.
- Suárez, Federico. "Consideraciones sobre el cuidado del profesional en el trabajo con vejez". Revista Área 3. Cuadernos de temas grupales e institucionales, nº 3, 1995.
- Suárez, Federico. "La atención comunitaria a la vejez", em La Concepción Operativa de Grupo, A. Bauleo, J. C. Duro e R. Vignale, coordinadores. AEN, Madrid 1990